

A solidão do UM – Transexualidade e psicose

Vera Lúcia Veiga Santana

"A loucura é viver na solidão dos outros, numa ordem que ninguém partilha... Depois, compreendi que aqueles a quem chamamos loucos estão, muitas vezes, para além de qualquer resgate".
(Rosa Montero, *A louca da casa*)¹.

Sob a égide da psicanálise, ou mais notadamente das concepções lacanianas da sexualidade, estamos investigando se ainda é possível hoje associar de uma forma mais direta transexualidade e psicose.

A psicanálise nos permite o acesso a essas questões de complexidade distintas por dispor de instrumento de análise amplo, no que se refere à subjetividade do ser falante.

Começamos por interrogar o que incomoda um corpo e o momento em que se dá o acontecimento traumático do gozo: como e quando esse acontecimento traumático vai incidir na diferenciação dos sexos. E o que desse gozo traumático foi fixado nos sujeitos denominados transgêneros, que aos 18 meses, três anos, cinco anos ou mais já dão sinais de uma estranheza que perturba seu corpo e que *a posteriori* se cristaliza em uma recusa do gênero como sexo anatômico, antes mesmo de ter tido qualquer noção sobre o surgimento deste conceito, e de saber que ele serviu e serve para demonstrar que ser homem ou mulher é efeito de cultura. A partir da idade adulta essa fissão ocorre de modo categórico.

Toda dialética do comportamento da criança, na presença do seu semelhante, vai decorrer do modo como ela captou a *imagem* da forma humana entre os seis meses e dois anos e meio de idade. Essa captação confere à *imagem* do corpo próprio uma função decisiva na determinação da fase narcísica.

Miguel Bassols² nos diz que a identificação com o outro, com a imagem especular, tem o efeito de ocultar o irreduzível da singularidade da experiência de ter um corpo antes de chegar a sê-lo. Mas a psicanálise, ao acolher a singularidade do ser falante, levará cada um a constituir ou inventar algo diante do real, que está posto desde sempre e não pode ser simbolizado, mas é agitado por um movimento.

Com o último Lacan podemos interrogar se a decisão do sujeito com relação à sua condição sexual e mais ainda, com a sua não identificação ao próprio sexo biológico, se daria no tempo do gozo do Um, desse Um condicionado por *lalíngua* aquém de qualquer articulação com a linguagem, ou se isso ocorreria no tempo da construção da fantasia.

A condição de amor em um sujeito pode elucidar a sua eleição de gozo.

Em sua leitura do Seminário 5 de Lacan, Miller³ sugere destringer em uma análise essa condição de amor, já que a condição de objeto eleito aponta para a composição do gozo.

E assim a lógica da vida amorosa se vincula ao real do gozo, posto que o amor implica em acontecimento de corpo, em gozo. Isso significa dizer que as questões de gênero são inerentes ao campo do gozo.

É o próprio Lacan⁴ quem nos diz que, para além da identidade de gênero, é a posição de gozo do sujeito que irá definir a posição sexuada para além da questão normativa.

Na contemporaneidade, a reflexão sobre a diversidade sexual se dá dentro de um contexto político-social que tem a sua origem nos movimentos libertários dos anos 70, na denominada Revolução Sexual. Nos anos 80, surge nos Estados Unidos a Teoria *Queer*, fortemente influenciada pela obra de Michel Foucault⁵, que interroga o capitalismo na sua face mais perversa, o controle da singularidade dos corpos.

A dimensão *queer* se constitui, portanto, em uma estratégia política, a mais radical, para fazer frente à política conservadora e refratária ao reconhecimento e à inclusão da diversidade sexual.

Voltando a Lacan⁶, há várias maneiras do sujeito inscrever seu gozo e seu corpo com relação ao significante fálico. Se o encontro com esse significante fracassa, estamos diante de uma psicose. Mas a sexuação não supõe apenas a assunção do próprio sexo e a aceitação do sexo do outro. Inventar o próprio sexo implica em um modo de gozar. A sexuação é também a confrontação com uma relação diferente a respeito da castração, com outra posição no desejo, pela via da falta, com outro estilo no amor, e Outro gozo diferente do gozo do Um. Para Lacan, o corpo é a sede da encarnação do Um, do significante S1 que se transforma em corpo na forma de gozo. Como se pode verificar, o sentido sexual para Lacan é dado pelo significante e não pelo biológico, o que nos faz retomar a questão sobre a não aceitação do sexo biológico.

Laurent⁷, em uma outra perspectiva, situa o aparecimento traumático do gozo a partir do sintoma como presença do grande Outro em si, resposta do sujeito ao traumático do real. Ele diz: "o sujeito não pode responder ao real se não for fazendo sintoma". É preciso interrogar o sintoma que incomoda o corpo, a reação desse corpo frente a um gozo que Freud denominou de excedente de sexualidade e Lacan de gozo inassimilável, real, presente na estrutura.

E como situar o gozo que advém da posição de recusa do ser falante ao sexo biológico? Seria uma manifestação de psicose? Tratar-se-ia de uma "perda de corpo", como Lacan denominou a experiência vivida por Joyce quando jovem?

Mesmo na vertente do binarismo, ser homem ou mulher é uma questão de posição assumida pelo ser falante, e é a posição de gozo do sujeito que irá definir a sua posição sexuada, o seu modo de subjetivar o sexo, podendo bascular

nessas posições de forma inconsciente ou mesmo fazendo semblante. A posição de gozo que advém do encontro contingente do corpo com a linguagem, e que provoca um acontecimento de corpo, está posta para todo ser falante antes mesmo da conformação de sua estrutura.

Analícea Calmon, que participou de um trabalho⁸ sobre essa temática, considera índice de foraclusão o caso de um sujeito que diz: "eu tenho um corpo de homem, mas tenho certeza de que sou mulher, ou vice-versa. Penso que ter nascido homem ou mulher foi um erro da natureza que me aconteceu e por isso sinto necessidade de cirurgia para corrigir esse erro". O seu argumento é de que não seria preciso mexer no real do corpo para confirmar uma direção sexual.

Em acordo com a nossa investigação, nem todos os transexuais sentem necessidade de proceder a uma mudança de sexo, ou seja, realizar a transgenitalização. A maioria dos transgêneros que o fazem têm o senso interno bem definido quanto ao seu pertencimento ao gênero masculino ou feminino, e sentem com muita intensidade e maior discordância, a profundidade do desvio dessa matriz de norma binária.

Nesse mesmo sentido podemos questionar a respeito das cirurgias estéticas tão abundantes na atualidade. O que dizer desses sujeitos que deixam mexer no real do corpo, que oferecem o seu corpo às transformações infindas em uma busca incessante por um corpo outro, por fazer um novo corpo que ele mesmo não sabe ao certo como o quer, se quer o que deseja. Miller⁹, quando se posiciona sobre a sexualidade feminina, vai buscar na "Teoria dos Postiços" um novo instrumento de análise para demonstrar o desvio que a sociedade americana faz com uma matéria artificial, o silicone, criada nos Estados Unidos para curar o hipodesenvolvimento mamário, que lá era considerado uma doença. Ele reputa que o silicone destinado a esse fim

tinha estatuto de objeto prótese, porque assegurava uma função que o objeto natural deveria ter. No momento em que começaram a surgir sequelas dessa cirurgia, e se descobriu que ela representava um risco à saúde, a cirurgia estética passa a liderar o conjunto do uso do silicone, e o que se produz nessa indústria passa a ser considerado objeto postiço. Como objeto prótese, o silicone exercia a sua função curativa e como objeto postiço a sua função passa a ser de imagem, um luxo capaz de ameaçar a sobrevivência de sujeitos que deixam transformar o seu corpo para com isso obter uma aparência condizente com as exigências midiáticas da contemporaneidade. Como classificar o estatuto dessa experiência? Seria da mesma ordem das transformações do sexo por não se reconhecer nele? Da tentativa de adaptar o corpo próprio ao modo como se vê nele? De eliminar a imagem confusa e mesmo distorcida que o sexo biológico provoca no seu sentir?

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o conflito de identidade de gênero chega hoje a alcançar a cifra de 5% da população adulta do planeta. A condição transgênera não é apenas uma manifestação da sexualidade no sentido da genitalidade do ser humano. A identificação da criança não é com o sexo no sentido do órgão genital, mas com o gênero masculino-feminino, homem-mulher. Para a criança, o gozo é difuso, multiforme, o que levou Freud¹⁰ a dizer que a criança é "perverso-polimorfa". Não há uma definição clara quanto à sexualidade e quando isso vai ocorrer na adolescência, é de modo conflituoso. Por isso mesmo, os transgêneros propõem deixar as crianças livres para que possam se identificar com os personagens que mais se aproximem de suas próprias subjetividades. A Suécia, por exemplo, vem se empenhando em uma luta pela desconstrução da noção de gênero. Nas escolinhas infantis já se havia instituído o uso do pronome "HEN" que é de gênero neutro, que hoje passou a fazer parte da Enciclopédia Nacional do

País. Pode-se escrever ou falar com uma pessoa sem se referir ao gênero. Para Lacan¹¹, o corpo era um terreno aberto à imprevisibilidade e não mais limitado à heteronormatividade. Quando um sujeito do sexo biológico masculino afirma ser uma mulher, mesmo contra as evidências do seu corpo, sua grande batalha é se fazer reconhecer pelo grande Outro.

Trata-se, portanto, de fazer um corpo de tal forma que a sua imagem corporal corresponda a esse ser com o qual ele se identifica e assim se sente.

O psiquiatra Alexandre Saadeh¹², que vem atendendo há mais de 20 anos o público que deseja encarar a mudança de sexo, ou seja, se submeter à cirurgia da transgenitalização, afirma: "além do bisturi ser um caminho que aponta a harmonia entre a forma como os transexuais se percebem e a maneira como são vistos, existe a satisfação pessoal, o desejo de ser como se sente e se quer". Embora na psicanálise não se vislumbre nenhuma possibilidade de harmonia, a busca pela realização do desejo é um apelo inerente ao ser falante para atender a uma falta que lhe é estrutural.

Quanto à mudança de sexo, a transexual Letícia Lanz¹³ é bastante explícita quando diz: "Gênero não se define pelo que o sujeito carrega entre as pernas, mas pelo que sente."

Como dissemos, uma ampla investigação foi realizada no campo da diversidade sexual e dentre os inúmeros casos encontrados em idades as mais variadas, escolhemos trazer para discussão um caso complexo e bem interessante da supracitada Letícia Lanz, psicanalista transgênero que se assume aos 50 anos de idade, após um enfarto.

Casada há 27 anos, ela é mãe de três filhos: uma mulher e dois homens.

Em uma entrevista à Rede Globo¹⁴, Letícia aborda questões de diferentes condições sexuais¹⁵, afirmando que a

sua luta não é e nunca será por identidade de gênero, mas por direito de cidadãos.

Sobre sua trajetória, ela nos diz que desde os três anos de idade compreendeu que era "diferente do resto do rebanho", mas que levou 50 anos para reunir os meios de se expressar com dignidade, sem medo, sem culpa e tendo orgulho de ser a pessoa que é.

Ainda pequenina, seus pais queriam que ela brincasse com caminhão, jogasse bola, mas o seu desejo era um só: brincar com bonecas. Sua avó materna foi a única que demonstrou, de modo claro, perceber a sua diferença. Ainda na primeira infância, na tentativa de realizar o seu desejo, presenteou-o (a Geraldo) com uma linda boneca, o que custou a ela, sua avó, um enfrentamento muito sério com seus pais.

Mas Letícia afirma que em nenhum momento de sua vida o pai a agrediu fisicamente ou mesmo com palavras. Ao contrário, conversava gentilmente com ela para mostrar-lhe o quanto seria difícil a situação e o sofrimento que iria enfrentar.

Desse modo ele exerceu sobre ela uma ditadura moral, uma ditadura da bondade tão pregnante que se tornou muito mais difícil para ela chegar aonde chegou.

Durante esses 50 anos de sua vida, na pele de Geraldo, Letícia diz ter feito um enorme esforço para que ninguém percebesse a sua diferença; mas mesmo assim, com tanta repressão e mais ainda auto-repressão, os seus conflitos de gênero não desapareceram, pois uma pessoa transgênera "armarizada" sofre tanto ou mais que uma pessoa assumida. No seu caso foi pior, porque sempre foi heterossexual, sempre desejou as mulheres e por essa razão sofreu também rejeição no meio transexual, por ser transgressora de gênero.

Para ela, um dos fundamentos da sociedade "heteronormativa" é a vinculação do sexo biológico ao

gênero e à orientação sexual, mas "ninguém nasce mulher, aprende a sê-lo". Isso nos foi transmitido nos idos de 1949, há sessenta anos atrás, por Simone de Beauvoir¹⁶, intelectual francesa que se tornou feminista e é a autora do livro "Segundo Sexo". E Letícia acrescenta: "A pessoa nasce como um organismo biológico sexuado. Se se tem pinto é homem, se se tem vagina é mulher, e a partir daí a trajetória de vida do falasser será definida por rígidos códigos de conduta socio-políticos e culturais. Esse rótulo de identidade representa uma camisa de força, um freio ao desejo e à criatividade dos seres falantes. Mesmo aqueles que se identificam com seu sexo biológico, os denominados cissexuais, passam por momentos difíceis e confusos na assunção de sua sexualidade.

Sobre isso, nos diz o psicanalista francês Éric Laurent¹⁷, (17): "as normas nem sempre conseguem fazer com que os corpos por sua inscrição forçada se insiram em usos padronizados".

O transexualismo não significa negação da castração, mas a não identificação com o sexo de nascimento. É a recusa desse sexo. Mas no momento em que o sujeito passa a aceitar o sexo com o qual se identifica, o problema passa a ser do outro e não mais dele.

Hoje Letícia adora se apresentar socialmente como mulher. É a persona que mais diz a respeito da pessoa que ela sente ser. Uma trajetória única, solitária e especial.

Para Letícia se assumir como mulher trans e continuar sendo o marido da sua mulher foi uma das mais difíceis desconstruções que ela enfrentou.

Ela considera a identidade de gênero como uma construção sociocultural morta, pronta e acabada à qual a pessoa deve se ajustar em função do seu órgão genital.

Quando se é patriarcal, machista, heteronormativo, preconceituoso, careta, não há dialetização possível. São visões estreitas e retrógradas da realidade, de uma

sociedade dos que fazem a regra, de uma cultura que não aceita a anfibiologia e a diferença.

Em 1974, Lacan¹⁸ nos diz que "nenhum paciente que passou pelo seu divã é semelhante ao outro, nenhum tem as mesmas fobias, as mesmas angústias, o mesmo modo de contar, o mesmo medo de não compreender"...

Por que então os seres falantes deveriam ter o mesmo posicionamento no seu modo de subjetivar o sexo?

Hoje, o falasser vem assumindo uma posição cada vez mais na direção do agir no lugar do falar e assim se estabelece uma relação inter-humana em que a violência e o desrespeito se impõem de modo crescente no tratar as diferenças.

Nessa mesma direção, se pode afiançar que a irrupção da violência que não consegue expressão pela via da palavra, dificulta a emergência da subjetividade no ser falante. Vivemos em uma sociedade cujo teor de violência nos deixa em estado de permanente tensão e vigilância.

Para finalizar com a questão da sexualidade, Lacan, quando propõe a fórmula da sexuação no *Seminário 19*, desloca as identificações sexuais para a opção sexuada, criando o conceito de sexuação.

A transexualidade, assim como qualquer condição sexual assumida pelo ser falante, sutil e enigmática, vai depender da escolha sexual e do registro da vida erótica no gozo, no desejo e no amor. As estruturas clínicas, neurose ou psicose, estão aí postas para todos. Hoje, as ciências sociais com o conceito de gênero, e a psicanálise, com o de sexuação, jogaram a pá de cal no biológico como signo de identidade sexual, mostrando que ser homem ou mulher é uma questão de posição assumida pelo ser falante, onde o sexo não é dado *a priori* e a estrutura, neurose ou psicose, não está atrelada à condição sexual.

-
- ¹ Escritora e jornalista espanhola. Nasceu em Madrid, em 1951. Escreveu "A Louca da Casa" - "La Foule du Logis" para homenagear a imaginação, "misturando o real com o fictício para completar a realidade". O título é de uma frase de Santa Teresa de Jesus: "A Imaginação é a Louca da Casa".
- ² BASSOLS, M. (nov. 2012). "Lo real en la ciencia y el psicoanálisis. Lo real de la psicoanálisis". In: *Virtualia - Revista digital da EOL*, nº 25. Disponível em: <<http://virtualia.eol.org.ar/025/template.asp?Lo-real-en-la-ciencia-y-el-psicoanálisis/Lo-real-del-psicoanálisis.html>>.
- ³ MILLER, J.-A. (1999). *Perspectivas do Seminário 5 de Lacan: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ⁴ LACAN, J. (2012[1971-1972]). *O seminário, livro 19: ...O pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ⁵ FOUCAULT, M. (1988). *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- ⁶ LACAN, J. (2012[1971-1972]). *O seminário, livro 19: ...O pior*. Op. cit.
- ⁷ LAURENT, É. (jun.-jul. 2002). "El revès del trauma". In: *Virtualia - Revista digital da EOL*, nº 6. Disponível em: <<http://virtualia.eol.org.ar/006/default.asp?notas/elaurent-01.html>>.
- ⁸ CALMON, A. & MOREIRA, J. W. "A ciência a serviço do delírio: como seria belo ser uma mulher...". In: *Psicanálise, Ciência e Discurso*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- ⁹ MILLER, J.-A. (1992). "A orientação lacaniana: sobre a natureza dos semblantes". Ensino proferido no Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris, VIII. Lição de 19 de fevereiro de 1992.
- ¹⁰ FREUD, S. (1996[1905]). "Um caso de Histeria e Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade Infantil". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- ¹¹ LACAN, J. (2012[1971-1972]). *O seminário, livro 19: ...O pior*. Op. cit.
- ¹² SAADEH, A. (2004). "Transtorno de Identidade Sexual: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino". Disponível em: <www.saudetotal.com.br-profissionais-saadeh.asp>.
- ¹³ LANZ, L. "Arquivo Transgênero: Matérias em defesa da livre expressão de gênero de pessoas transgêneras". Disponível em: <www.leticialanz.org>.
- ¹⁴ LANZ, L. (ago. 2013). "NA MORAL". Exibido pela TV Globo, em 22 de agosto de 2013.
- ¹⁵ Transgênero, Transexual, Travesti, Homossexual: Gays e Lésbicas, Bissexual, Heterossexual, *Crossdressers*, *Drag-Queen*, Andróginos, Hermafroditas, *Queer* e ainda menciona o estilo EMO, dos Punks jovens mais sensíveis que se vestem e se colocam como desejam na sua atuação sexual.
- ¹⁶ BEAUVOIR, S. (1908). *O Segundo Sexo - 1. Fatos e Mitos - 2. O Segundo Sexo - A experiência Vivida*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- ¹⁷ LAURENT, É. (2012). "Falar com o seu sintoma, falar com o seu corpo". Argumento para o VI ENAPOL Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana. Disponível em: <http://www.ebprio.com/VI_enapol.pdf>.

¹⁸ LACAN, J. (2003[1938]). "Os complexos familiares na formação do indivíduo". In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.